

O ELEMENTO HISTÓRICO NO CONTO *AS RUÍNAS CIRCULARES*, DE JORGE LUÍS BORGES

Laís de Sousa Romero*

RESUMO

O livro de contos *Ficções*, de Jorge Luís Borges instiga a diversos debates acerca da produção literária. Com o intuito de estudar o elemento histórico que atravessa o conto *As ruínas circulares*, da obra de Borges, este artigo se baseia na teoria de Hayden White, onde a história se encontra como uma narrativa metafórica produzida pelo homem tanto quanto as narrativas literárias. Amparado nesta teoria, o histórico é ressaltado em características pós-modernas encontradas de forma alegórica no conto, concluindo-se uma aproximação entre história e literatura dentro da construção literária da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: História. Mito. Narrativa. Ficção. Borges.

ABSTRACT

The book of tales *Ficções*, of Jorge Luís Borges instigates the various debates about the literary production. In order to study the historical element that runs through the tale *As ruínas circulares*, of Borges's work, this article is based on the theory of Hayden White, where the story is like a metaphorical narrative produced by the man as much as literary narratives. Supported this theory, the history is emphasized in post-modern features found in allegorical form in the tale, concluding a rapprochement between history and literature within the literary construction of the narrative.

KEYWORDS: History. Myth. Narrative. Fiction. Borges.

ÀS PORTAS DO LABIRINTO

Não é um critério válido para julgar a literatura ou a arte, este poder que elas possuem de nos fazer sentir profundamente justificados?

Simone de Beauvoir

* Aluna do mestrado em literatura e especializanda em literatura ambas pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Mãe.

Jorge Luís Borges é conhecido e considerado por sua escrita fragmentada: um forte trabalho de desconstrução do sujeito que leva a um questionamento do que seria a realidade e o que seria o mito. A linha entre a verdade e o irreal é tênue, e para Borges, por vezes, uma inexistência. Sua maior inspiração e seu maior patrimônio foi o universo: uma característica que mais tarde o faria *pós-moderno*, mesmo distante deste tempo cercado de conceitos como *hiper-realidade* e *pastiches*.

Publicado inicialmente em 1944, a obra *Ficções*, de Borges, traz, dentre outros, o conto *As ruínas circulares*. Neste trabalho, o autor cria um contexto puramente místico e irreal: um mago que assume o ofício, mas como uma obrigação, de sonhar. Tal ofício vem como maneira a cumprir o dever de “sonhar um homem”, “uma alma que merecesse participar no universo.” (BORGES, 2005 a, p. 35). Dentro de uma esfera de tempo perdida, o mago sonha e, cercado de misticismos e desejos, ele cria este novo ser, parte por parte, como um filho. Incerto do que sente, por fim, o mago descobre que é também fruto de um sonho, fruto do sonho do outro que acreditava ter criado.

Como objeto do presente estudo está o conto *As ruínas circulares*, onde se buscará o elemento histórico que atravessa a narrativa. Há tempos história e literatura se encontram, talvez não vivam em acordo contínuo e mútuo, mas decerto são muito de um só: uma representação do mundo. Este viés do encontro entre história e literatura, abordado pelo teórico Hayden White¹, será relacionado de maneira dialógica com o conto de Borges. As relações de tempo dentro do conto e como estas relações são evidenciadas na história serão confrontadas visando estabelecer analogias e diferenciações entre história e literatura.

Tal qual um labirinto, a obra de Borges suscita no leitor/pesquisador uma infinidade de caminhos a serem seguidos, possibilidades de interpretações infinitas: as escolhas levam à certeza de um sonho, espaço indefinido, viagem com destino desconhecido que traz toda a justificação possível e impossível para se estar vivo.

1 A LITERATURA E O LABIRINTO DA HISTÓRIA

¹ Hayden White é um historiador estadunidense que propôs de forma pioneira uma reformulação no estudo da história, onde adapta categorias originadas no campo da teoria literária para a análise da historiografia.

Um labirinto proporciona caminhos diversos e descontínuos: entradas que poderiam ser saídas, desvios e retornos imperceptíveis, além de possibilidades infintas de novos lugares. Desta mesma maneira se configura a interpretação de uma narrativa, seja ela de cunho histórico ou literário.

Hayden White tece sua crítica à história, enquanto disciplina, tomando como gancho a crise nela instaurada diante do desprestígio entre os intelectuais do século XIX, que questionavam a natureza ambígua do conceito de história: ora considerada ciência, ora arte. Aparentemente, o estudo da história não acompanhou as mudanças e avanços na literatura, na filosofia e nas ciências sociais (WHITE, 2001), e por este mesmo motivo os historiadores se ocultam na ideia de serem mediadores entre arte e ciência.

Diante desta crise White apóia-se na narrativa histórica como ponto de aproximação entre história e literatura, deste modo a proximidade maior da história estaria com a arte e não com a ciência. A narrativa histórica teria muito mais de literário por ser trabalhada mediante interpretações:

[...] o historiador deve interpretar os seus dados, excluindo de seu relato certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo. De outro lado, no empenho de reconstruir o que aconteceu num dado período da história, o historiador deve inevitavelmente incluir em sua narrativa um relato de algum acontecimento ou conjunto de acontecimentos que carecem dos fatos que poderiam permitir uma explicação plausível de sua ocorrência. E isto significa que o historiador precisa interpretar o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações. (WHITE, 2001. p. 65)

A narrativa histórica, tal qual a narrativa literária, é fruto da representação feita através da linguagem, uma tentativa de organizar o mundo caótico em uma estrutura que se aproxime do universo consciente, algo que funcione como um lar onde descanse o mundo tal qual o ser humano se familiariza. Assim complementa-se nas palavras de White (2001, p. 115): “Não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado; a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma.”

Aproximar história e literatura é um dos objetivos de White em sua crítica:

Na realidade, a história - o mundo real ao longo de sua evolução no tempo - adquire sentido da mesma forma que o poeta ou o

romancista tentam provê-lo de sentido, isto é, conferindo ao que originariamente se afigura problemático e obscuro o aspecto de uma forma reconhecível, porque familiar. (WHITE, 2001. p. 115)

Tal aproximação traria vantagens ao estudo da história, pois, segundo White, o reconhecimento de tal elemento ficcional na narrativa histórica proporcionaria ao historiador uma nova perspectiva de estudos e teorias: “a história atualmente vai mal porque perdeu de vista as suas origens na imaginação literária [...] ela reprimiu e negou a si própria sua maior fonte de vigor e renovação” (WHITE, 2001. p. 116).

Evidenciando-se esta proximidade, White arremata com a ideia de que o historiador perdeu de vistas o objetivo de seu trabalho. Para o teórico os historiadores esqueceram suas origens quando esqueceram que:

A história [...] sensibilizava os homens para os elementos dinâmicos contidos no presente, ensinava a inevitabilidade da mudança e desse modo ajudava a libertar esse presente do passado sem revolta nem ressentimento. (WHITE, 2001. p. 62)

Ao invés disso os historiadores perderam a ideia do elemento dinâmico contido no presente e passaram a relegar as mudanças significativas deste mesmo presente a um passado mítico, o que justificaria o *status quo* e abriria precedentes para que a crítica pudesse acusá-los de “servos da trivialidade” (WHITE, 2001.p.62).

Ao levantar esta questão da história como ferramenta de libertação do passado e enxergar o presente com seus elementos dinâmicos, White caracteriza a história como um estudo essencialmente pós-moderno.

[...] o mundo pós-moderno é qualquer coisa, menos imóvel – tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente, e antes de tudo, uma direção cumulativa). (BAUMAN, 1997. p. 121)

Este tempo indefinido que caracteriza a pós-modernidade vem a ser o caos de que fala White quando assume que a história precisa educar as pessoas para a “descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino” (WHITE, 2001, p. 63).

Desta maneira, para White, o estudo da história sofre severas críticas por manter-se preso a uma estrutura de tempo cronológico que o ordena, esquecendo que o mundo pós-moderno, ou seja, o contemporâneo é uma desestruturação de uma visão de tempo e espaço vigorante até então.

Quando o modernismo se frustrou com as respostas dadas pela história, as desconstruções tomaram a frente como uma tentativa dar sentido à humanidade (BAUMAN, 1997), as categorias tempo e espaço passaram a ser reconsideradas sob outros enfoques relativizados e fluidos. Não existe vanguarda na pós-modernidade, bem como não se pode falar claramente de retrocesso na linha da história pós-moderna:

É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza 'avançada' ou 'retrógrada', uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetidamente a ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. Não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é 'para a frente' e onde 'para trás', e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é 'progressivo' e qual é 'regressivo'. (BAUMAN, 1997, p. 122).

É a partir desta premissa de desestruturação do tempo, desordenado e caótico, que se vem demarcar as concepções da pós-modernidade, aliado à compreensão de narrativa histórica como artefato literário.

2. POR DENTRO DAS RUÍNAS CIRCULARES

*And if he left off dreaming about you...
Through the Looking-Glass, VI.*

Borges afirmava que seu patrimônio era o universo, e assim o fez em suas obras: um homem e sua angústia universal em existir e pertencer, angústia em ser múltiplo. Em *As ruínas circulares*, evidencia-se uma tendência universal de fragmentação e desconstrução, um homem que quer sonhar um homem, mas

descobre-se sonhado, um reconhecimento de não saber o que é verdade; uma verdade que se revela uma farsa.

O idioma Zend ainda não havia sido contaminado pelo grego: esta é a principal citação temporal no conto de Borges e que merece uma atenção especial por evocar inúmeras referências que permeiam todo o conto. Zend é atribuído como o idioma do Zoroastrismo, religião da antiga Pérsia e que tem como profeta Zaratustra, o mesmo que nomeia a famosa obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche *Assim falava Zaratustra*. Todo este caminho de referências leva ao título e desfecho do conto de Borges: as ruínas são circulares evocam a ideia de continuidade, de *eterno-retorno*. Segundo o próprio Borges em sua obra *História da eternidade*, o tempo circular nega, em algumas leituras, “a realidade do passado e do futuro”, ou seja, vive um eterno presente.

Em *As ruínas circulares* não acontece de maneira diferente: o homem quer sonhar um outro homem, “buscava uma alma que merecesse participar no universo” (BORGES, 2005 a, p. 35). Trazendo para um entendimento da pós-modernidade este homem anuncia uma característica comum aos que viveram as expectativas da modernidade: a frustração e a vontade do futuro, do novo (BAUMAN, 1997). O mago inicialmente buscava uma alma, e sua tarefa foi sonhar, inicialmente sonhos “caóticos” que mais tarde se tornaram de natureza “dialética”: merecer viver se torna uma ideia de merecer participar, ter conhecimento e justiça suficientes para se saber no presente. A vida no eterno presente é a palavra de desordem na costumeira ideia de organização de passado, presente e futuro.

Um intrigante ambiente desta narrativa encontra-se quando o mago sonha-se como um professor que busca entre seus alunos algum digno da tarefa de viver neste mundo. A relação deste ofício de educar o homem para a vida com o papel da história torna-se direta. A teoria de White em face da história que esqueceu seu papel na sociedade pode ser revista nesta parte do conto de Borges. O mago esquece-se de si, quem é e de onde veio, tal qual a história se apresenta diante da crítica de Hayden White: como um estudo que está esquecendo suas origens criativas numa tentativa de se impor enquanto ciência.

Queria sonhar um homem: queria sonhá-lo com uma integridade minuciosa e impô-lo à realidade. Este projeto mágico esgotara o espaço inteiro da sua alma; se alguém lhe perguntasse o seu próprio nome ou qualquer pormenor da vida anterior, não seria

capaz de responder. Convinha-lhe o templo desabitado e desmantelado, porque era um mínimo de mundo visível [...] (BORGES, 2005 a, p. 47)

O templo como elemento cosmológico na narrativa enfatiza a pós modernidade em Borges, é um “mínimo de mundo visível” (BORGES, 2005 a, p. 34), algo que o assegurava a realidade, uma representação do retorno do homem ao cosmos como busca das respostas de um mundo caótico. Tal cosmos se mostra um templo cinza em ruínas que “antigos incêndios devoraram” (BORGES, 2005 a, p. 46). O fogo, desde este ponto, torna-se uma constante no conto de Borges, um elemento de amálgama das estruturas e dos seres que habitam a narrativa. Mais uma vez um elemento que se liga ao tempo circular, o *eterno-retorno* onde o próprio Borges (*História da eternidade*, 2005) comenta: “Na cosmogonia dos estóicos, ‘Zeus se alimenta do mundo’: o universo é consumido ciclicamente pelo fogo que o engendrou, e ressurgiu da aniquilação para repetir uma história idêntica.” (BORGES, 2005 b, p. 67).

A narrativa histórica é vista por White como um conjunto de “afirmações metafóricas” que procuram contar os fatos de tal maneira que estes possam encontrar correlações na realidade em que se vive. O historiador organiza a narrativa sob uma perspectiva bem próxima à literária, preenchendo as lacunas suscitadas quando da organização dos acontecimentos escolhidos por ele para composição do quadro histórico. A narrativa literária, metafórica por excelência, atua como uma ferramenta na historiografia, uma vez que pode ser trabalhada em correlação com a realidade histórica do momento em que se vive, e seu viés criativo e fluido impulsiona leituras em épocas diversas, entrelaçando-se com o papel da história.

Além deste ponto, em relação ao pós-modernismo, a narrativa de Borges também atrai uma temática comum a esta época:

Definido como uma cópia sem original, o simulacro é a produção, através de modelos, do real sem realidade, chamado de hiper-real. No hiper-realismo, a realidade e a simulação não são apenas experimentados sem distinção; muitas vezes a simulação torna-se mais real que a própria realidade. (BONICCI, 2005, p. 259).

O mago passa da ideia de *ensinar* para *criar* um novo homem, é um renascimento, algo diferente do que existe no presente, uma mudança que poderá salvar e redimir a humanidade de seus erros. No entanto, o desfecho de Borges atrai para a ideia de simulacro, hiper-realidade: a criatura se torna mais real que seu criador, um simulacro hiper-real que traz consigo a resposta que o mago também é uma criação.

Entender este ponto é crucial para compreender o elemento histórico no conto *As ruínas circulares*, de Jorge Luis Borges. Quando se entende a presença do elemento descontínuo e essencialmente pós-moderno do simulacro diante da narrativa descritiva deste mundo, pode-se extrair uma representação sensível da realidade atual feita pelo autor. O homem é uma criação, um discurso histórico estabelecido por ele próprio (WHITE, 2001), e este ciclo infinito e impreciso seguirá enquanto houver humanidade.

Compreendeu que a tarefa de modelar a matéria incoerente e vertiginosa de que se compõem os sonhos é a mais árdua que um varão pode empreender, embora penetre todos os enigmas da ordem superior e da inferior: muito mais árduo que tecer uma corda de areia ou que amoldar o vento sem rosto. (BORGES, 2005 a, p. 49)

Ambos vivem agora, criador e criatura, como discursos que buscam seu espaço de verdade e o encontram em universos distintos.

O desígnio da sua vida fora preenchido; o homem persistiu numa espécie de êxtase. Ao fim de um tempo que certos narradores da sua história preferem calcular em anos e outros em lustros, à meia-noite acordaram-no dois remadores: não conseguiu ver as caras deles, mas falaram-lhe de um homem mágico num templo do Norte, capaz de andar sobre o fogo sem se queimar. O mago lembrou-se de repente das palavras do deus. Lembrou-se de que, de todas as criaturas que compõem o globo, o fogo era a única que sabia que o seu filho era um fantasma. Esta recordação, que o descansou ao princípio, acabou por atormentá-lo. Receou que o seu filho meditasse nesse privilégio anormal e descobrisse de qualquer modo a sua condição de mero simulacro. Não ser um homem, ser a projeção do sonho de outro homem, que humilhação incomparável, que vertigem! (BORGES, 2005 a, p. 52)

O destino do criador e de sua criatura são definidos pelo tempo (completamente indefinido na narrativa) e novamente pelo fogo, o elemento de renovação que traz também a revelação: quando não sente o fogo tornar-lhe cinza (o fogo também não queima o ser criado por ele), o mago (que já é cinza desde o início do conto) descobre-se também uma criatura. “Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando.” (BORGES, 2005, p. 52). Um destino em comum, uma sina que se repete assim que o homem esquece-se de seu passado (algo aparentemente inevitável). O tempo circular volta à baila: “Se os destinos de Edgar Allan Poe, dos vikings, de Judas Iscariotes e de meu leitor são secretamente o mesmo – único destino possível –, a história universal é a de um só homem.” (BORGES, 2005 b, p. 80).

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU UM SIMULACRO DA HISTÓRIA

Segundo White a história deve sensibilizar os homens “para os elementos *dinâmicos* contidos no presente mostrando a inevitabilidade da mudança de modo a ajudar a libertar esse presente do passado sem revolta e sem ressentimento” (WHITE, 2001, p. 62). Desta maneira o conto de Borges evidencia uma característica imanente à história, ou seja, é um trabalho que se comunica de diversas maneiras com o trabalho do historiador: quando o mago se propõe a criar um novo homem é como se a história pretendesse a libertação do homem de um passado mítico, e o despertasse para o presente dinâmico.

As ruínas circulares funcionaria como uma ruptura de entendimento do mundo, pois o elemento pós-moderno surge em um texto que antecede este momento. Outro ponto a ser observado é a presença de uma representação sensível do mundo atual, deste modo o conto de Borges apresenta uma visão da pós-modernidade quando não possui um tempo cronológico definido e atravessa a angústia do homem em não se encontrar na história, desconstruído de suas verdades (BAUMAN, 1997). Tal representação ocorre por via de imagens metafóricas e não apenas descrições da realidade: são alegorias que podem ser “traduzidas” da narrativa, os papéis e as figuras misteriosas que vão se apresentando além dos elementos e ações que pareceriam absurdos se fossem interpretados de maneira não metafórica.

A descrição do universo em Borges elucida muitos momentos do homem pós-moderno, bem como externa suas características mais conflitantes: quem ele é, quem ele desejaria ser e todas as verdades que acreditam em sua própria veracidade, mas podem ser apenas sonhos de outras verdades que se crêem verdades e assim por diante. A literatura exerce o seu papel de tentativa de ordenar o caos, no entanto, quando se trata da pós-modernidade o caos é a ordem e as palavras contam uma história sem tempo, num lugar cósmico e a realidade torna-se presente somente por alegorias.

Buscar na literatura um entendimento da realidade é nada mais que uma das melhores formas de compreender não só o momento em que ela foi criada, mas também suas aplicações às épocas que sucedem, bem como uma forma do homem justificar-se como ser no mundo. A característica pós-moderna do conto de Borges é uma parte que se pode encarar dentro das múltiplas interpretações de um texto literário atravessado pelo viés histórico. *As ruínas circulares* traz uma noção de tempo que incomoda o homem desde que esta noção surgiu, e este objeto é constante na crítica histórica: organizar o tempo, o caos, como uma maneira de justificar-se, localizar-se no tempo e no espaço.

A aproximação do ofício do historiador ao ofício do artista encontra-se fundamentada por todo este artigo, mas sua síntese mais própria está nas palavras que abrem a introdução: “Não é um critério válido para julgar a literatura ou a arte, este poder que elas possuem de nos fazer sentir profundamente justificados?” (BEAUVOIR, 1980).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BONNICCI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Edem, 2005.

BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2005a.

_____. *História da eternidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

GADELHA, Gustavo Chataignier. *Eterno retorno e história: diferenças e semelhanças*. In: <http://www.antroposmoderno.com/word/eter_250608.doc>. Acessado em 14/09/11 às 09:37.

GRUNER, Clóvis. *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

JAMESON, Frederic. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: *O Mal estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Organização de E. Ann Kaplan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Metahistory: The historical imagination in nineteenth-century Europe*. London: The Johns Hopkins University Press, 1973.